

O Brasil visto por um Pied-Noir Prêmio Nobel

Janer Cristaldo *

No ano de sua viagem ao Brasil — 1949 — Albert Camus já era o mais controvertido intelectual a escrever na Paris do pós-guerra. Há nove anos se instalara naquela capital, após uma tumultuada atividade teatral, jornalística e política na Argélia francesa. Em 1935 aderira ao PC argeliano, para logo abandoná-lo em virtude da desaceleração da luta contra o colonialismo, apregoada por Pierre Laval, então ministro francês de Assuntos Estrangeiros, após sua viagem a Moscou e conversações com Stalin. A luta antifascista tornando-se prioritária, o PC argeliano devia esquecer o colonialista francês. Camus, ao ver militantes árabes perseguidos e postos em prisão, com o assentimento do partido ao qual ele escolhera pertencer, ao ver seus dirigentes subitamente enamorados pelo exército ocupante, manifesta sua dissidência em relação à linha do Partido e é excluído de seus quadros. Em 1940, com o fechamento do *Soir Républicain*, por determinação do prefeito de Argel, Camus se transfere para Paris, onde trabalha como secretário de redação no *Paris-Soir*, precisamente no ano em que os alemães invadem a capital francesa, obrigando o jornal e sua equipe a sediar-se em Lyon.

Nos anos que vão de 40 a 49, Camus publica os trabalhos que lhe conferirão uma tribuna de destaque no mundo intelectual parisiense: *O Mito de Sísifo*, *O Estrangeiro*, *A Peste*, sem falar na encenação de *Calígula* e *O Malentendido*. Mas o episódio que mais destacará Camus na Rive Gauche de então é sua famosa polêmica com D'Astier de la Vigerie, em 1948, a partir do artigo de Camus, *Ni Victimes ni Bourreaux*, onde o autor se recusava a toda e qualquer legitimação do assassinato, mesmo em nome de uma melhor sociedade futura. Ora, em uma época dominada pelo stalinismo, Camus compra seus primeiros inimigos. Em sua polêmica, encontramos em germe os elementos que originarão em 52 sua ruptura com Sartre, até então companheiro de trago e tertúlias nas noites do Saint-Germain.

* Doutor em Letras — Paris Jornalista, escritor, tradutor.

É pois, neste ano de 1949, após ter feito uma viagem ao Canadá e aos Estados Unidos, três anos antes, que o *pied-noir* perturbador dos salões literários parisienses decide viajar à América do Sul. Sua viagem fora decidida em janeiro, mas só teria lugar no verão (europeu), a bordo do cargueiro Campana, e esta travessia do Atlântico não terá sido a mais repousante para o ensaísta que então preparava *O Homem Revoltado*. Lemos em seu diário de viagem:

“Por duas vezes, idéia de suicídio. A segunda vez, sempre olhando o mar, uma terrível queimadura me vem à têtépora. Creio que agora eu compreendo como alguém se mata”. A terrível queimadura, como veremos adiante, tinha razões mais físicas que metafísicas.

O Campana atraca no Rio dia 15 de julho, e antes mesmo de desembarcar o escritor é assaltado pelos jornalistas que haviam subido a bordo. Suas impressões sobre a entrada na baía da Guanabara, às quatro horas da manhã:

“... nós já estamos na baía, imensa, um pouco fumegante no dia nascente, com condensações súbitas da luz que são as ilhas. A bruma desaparece rapidamente. E nós percebemos as luzes do Rio correndo ao longo da costa, o Pão de Açúcar com quatro luzes no cume e, sobre o mais alto cume das montanhas, que parecem esmagar a cidade, um imenso e deplorável Cristo luminoso”.

Ao chegar, Camus é recebido por alguém que designa em seu diário por M., mais um jornalista que já encontrara em Paris, “muito simpático”. É-lhe dado escolher entre um quarto na embaixada, que está deserta, e um palacete. Camus foge da “sale gueulle du palace” e se felicita por encontrar um quarto simples e de seu agrado em uma residência totalmente vazia. Observação sobre o tráfego carioca, e isso que estamos em 1949:

“Os automobilistas brasileiros são loucos alegres ou sádicos frios. A confusão e anarquia desta circulação só são compensadas por uma lei: chegar em primeiro lugar, custe o que custar”.

Reação imediata de europeu que chega ao Rio:

“O contraste mais chocante é dado pela ostentação do luxo dos palácios e dos edifícios modernos com as favelas, às vezes a cem metros do luxo, espécie de *bidonvilles*⁽¹⁾ encravadas no flanco das colinas, sem

(1) O correspondente francês das favelas.

água nem luz, onde vive uma população miserável, negra e branca. As mulheres vão buscar água ao pé das colinas, onde elas fazem fila, e trazem sua provisão em latas que carregam sobre a cabeça como as mulheres cabilas. Enquanto elas esperam, passam a sua frente, em fila ininterrupta, os monstros niquelados e silenciosos da indústria automobilística norte-americana. Jamais luxo e miséria me pareceram tão insolentemente misturados. É verdade que, segundo um de meus companheiros, “eles se divertem muito, pelo menos”. Lástima e cinismo. B., o único generoso. Ele me levará às favelas que conhece muito bem: “Fui repórter policial e comunista, diz ele. Duas boas condições para conhecer os bairros da miséria”.

Visita ao Country Club e apresentação de três ou quatro barcos de guerra — “um deles, que parece datar de há muito, se chama *Terror do Mundo*”. Encontro com um grupo de atores negros que querem montar *Calígula*. Logo após, a dolorosa experiência do escritor no Brasil, o encontro com Augusto Frederico Schmidt. Dada a impiedade — rara na obra camusiana — de suas impressões, julgamos importante transcrever algumas linhas.

“Quando eu acho que tudo acabou, Mme. M. me anuncia que eu jantarei com um poeta brasileiro. Eu não digo nada, prometendo a mim mesmo cortar tudo que não é indispensável a partir de amanhã. E me resigno. Mas eu não esperava a provação que devia seguir-se. O poeta chega, enorme, indolente, os olhos enrugados, a boca caída. De quando em quando, inquietações, uma brusca agitação, logo ele se mexe em sua poltrona e resfolega um pouco. Levanta-se, dá voltas, retorna à poltrona. Fala de Bernanos, Mauriac, Brissson, Halévy. Conhece todo mundo, aparentemente. Foram maus para com ele. Ele não faz política franco-brasileira, mas criou uma fábrica de adubos com franceses. Aliás, não o condecoraram. Condecoraram todos os inimigos da França neste país. Mas não ele. Etc., etc.

Ele sonha um momento, sofre visivelmente de sabe-se lá o quê e deixa enfim a palavra ao senhorito⁽²⁾, que dela se apossa glotonamente. Pois há um senhorito, semelhante a esses que passeavam com cães erguidos sobre as patas na Calle Major em Palma de Maiorca, antes de irem assistir como *connaisseurs* às execuções de 36. Este decide tudo, eu devo ver

(2) Jovem de posses e ocioso. Camus usa a palavra espanhola.

isto, fazer aquilo, o Brasil é um país onde a única coisa que se faz é trabalhar, não existem viciados, aliás não se tem tempo, trabalha-se, trabalha-se, e Bernanos lhe dizia, e Bernanos criou neste país um estilo de vida, ah: nós amamos a França . . .

“Apavorado pela perspectiva deste ataque, eu mobilizo o jovem biologista⁽³⁾ para que venha jantar conosco. No carro, peço para não irmos jantar em um restaurante de luxo⁽⁴⁾. E o poeta emerge de seus 150 quilos e me diz, um dedo erguido: “Não existe luxo no Brasil. Nós somos pobres, miseráveis”, batendo afetuosamente nas costas do chofer engalanado que dirigia seu enorme Crysler. Tendo o poeta falado, suspira dolorosamente e volta a seu nicho de carne, onde se põe distraidamente um de seus complexos. O senhorito nos mostra o Rio, que está na mesma latitude de Madagascar e é mais belo que Tananarive”.

E neste tom sarcástico continua o relato de Camus, que é constrangido a comer em um restaurante, “iluminado tão brutalmente a neon que temos o ar de peixes pálidos evoluindo em uma água irreal”. O senhorito quer obrigá-lo a comer camarões, ele recusa, explica que já conhece tal prato, comum na Argélia. Levam-no a um clube e lhe oferecem um conhaque que não lhe apetece beber. E assim termina para Camus este fatídico 15 de julho, seu primeiro dia no Brasil.

No 16, Camus assiste a uma macumba em Caxias, à qual dedica várias páginas de seu diário de viagem. Mas também o exótico cansa:

“São duas horas da manhã. O calor, a poeira e a fumaça dos cigarros, o odor humano, tornam o ar irrespirável. Eu saio, cambaleante, e enfim respiro com delícia o ar fresco. Eu amo a noite e o céu, mais que os deuses dos homens”.

A imensidão do território brasileiro o impele a certas reflexões:

“Mais rápido vai o avião e menos importância têm a França, a Espanha, a Itália. Elas eram nações, e elas províncias, e amanhã, vilarejos do mundo. O futuro não está em nós e nós não podemos nada contra este movimento irresistível. A Alemanha perdeu a guerra porque era uma nação e porque a guerra moderna exige os meios dos impérios. Amanhã, serão

(3) Biologista francês que Camus conhecera na chegada.

(4) Curiosa reação para quem vivia nos restaurantes da Rive Gauche.

necessários os meios de continentes. E eis os dois grandes impérios lançados à conquista de seu continente. Que fazer? A única esperança é que uma nova cultura nasça e que a América do Sul talvez ajude a equilibrar a estupidez mecânica”.

O dia em que lhe ocorrem tais preocupações, Camus o termina dançando samba com mulatas.

Seu espanto ante o tráfego carioca persiste: Ao voltar de um passeio ao Méier e Madureira, assiste a um acidente:

“Um pobre negro velho que entrou mal em uma avenida rutilante de luzes é apanhado em plena velocidade por um ônibus que o joga dez metros adiante como uma bola de tênis, o contorna e foge. Isto devido à estúpida lei de flagrante delito segundo a qual o chofer teria sido posto em prisão. Ele então foge, não há mais flagrante delito, e ele não será preso, o negro velho fica lá, sem que ninguém o levante. Mas o golpe teria matado um boi. Fico sabendo mais tarde que um lençol branco será posto sobre ele, onde o sangue irá se espalhando, velas acesas à sua volta e a circulação continuará apenas o contornando até que as autoridades cheguem para a reconstituição”.

No dia 19 de julho, Camus janta com Manuel Bandeira, “homenzinho extremamente refinado. Após a janta, Kaimi, (sic) um negro que compõe e escreve todos os sambas que o país canta, vem cantar com seu violão”. O poeta aborda o romancista:

— O senhor deve estar exausto de tanta conferência.

Camus:

— Estou doente. Eu resisti à guerra, resisti à Resistência, não resisti à América do Sul!

Efetivamente, Camus viajava doente e durante seus dias de navegação haviam se manifestado os sintomas de uma recidiva de tuberculose. Cálida é a evocação de Bandeira, ele também corroído pelos bacilos de Koch, a propósito do homem Camus:

“Por aí fomos num papo sem nenhuma formalidade, falamos de nossa doença (. . .), falamos de muitas outras coisas e ele acabou dando-me o seu telefone privado em Paris para que eu o procurasse quando fosse à França. Durante todo o tempo que o ouvi, senti-me à vontade e encantado. Surpreso. Não havia naquele homem vestígio dessa personagem odiosa que é a celebridade itinerante. *Não parecia um homem de letras.*

Era um homem da rua, um simples homem, dando a outro homem um pouco de sua substância espiritual, simplesmente humana. Senti vontade de ser seu amigo. Quando, um ano depois, estive em Paris, quis procurá-lo. Ele estava ausente. Agora, o desastre . . . Deixo nestas pobres linhas a minha saudade do homem Camus, tão simples, tão simpático, tão despretenso na sua glória mundial”.

Do Rio, Camus viaja a Recife, “Florença dos Trópicos, entre suas florestas de coqueiros, suas montanhas vermelhas, suas praias brancas”. Camus levanta-se com gripe (?) e febre e na noite do 22 de julho assiste a um *bumba-meu-boi*”, *espetáculo extraordinário*. É uma espécie de balé grotesco dançado por máscaras e figuras-tótems sobre um tema que é sempre o mesmo: a matança de um boi”. A dança termina com um grito: “Viva o senhor Camus e os cem reis do Oriente”. No dia seguinte, Camus embarca para a Bahia, “onde não se vê senão negros, me parece uma imensa casbá efervescente, miserável, suja e bela”. Almoço no porto, onde “comemos pratos suficientemente apimentados para fazer paralisados se moverem”. Visita às igrejas e conferência na universidade. No domingo, 24, visita a Itapoã, onde Camus encontra um grupo de cineastas franceses rodando um documentário. À noite, candomblé, onde uma negra, grande e esguia, fascina o escritor:

“Ela porta um chapéu azul de caçadora, de aba dobrada, com plumas de mosqueteiro, um vestido verde e tem na mão um arco verde e amarelo munido de sua flecha, na ponta da qual está cravado um pássaro multicolor. O belo rosto adormecido reflete uma melancolia parelha e inocente. Esta Diana negra é de uma graça infinita. E quando ela dança, esta graça extraordinária não se desmente”.

Este episódio, transportado para a cidade paulista de Iguape, será aproveitado em *A Pedra que Cresce*.

A gripe e a febre se agravam. Camus volta ao Rio, a mente conturbada por maus presságios. “Sentimento insuportável de caminhar passo a passo rumo a uma catástrofe que destruirá tudo em torno a mim e em mim”. À noite, para assistir à encenação de um ato de Calígula, por atores negros, Camus se veste como para ir ao Pólo Norte. A noite termina com um frevo.

Impressão do autor após doze dias de Brasil:

“O Brasil com sua delgada estrutura moderna plantada sobre este imenso continente formigante de forças naturais e primitivas me faz pensar

em um edifício, roído cada vez mais por invisíveis térmitas. Um dia o edifício desmoronará e um povo inteiro, formigante, negro, vermelho e amarelo se espalhará sobre a superfície do continente, mascarado e munido de lanças, para a dança da vitória”.

Antes de viajar para São Paulo, será novamente chocado por mais um acidente de trânsito, “uma mulher estendida, sangrando, frente a um ônibus. E uma multidão que a olha, sem lhe socorrer. Este costume bárbaro me revolta”. Sete anos mais tarde, Camus publicará *A Queda*. Segundo seu biógrafo por excelência, Herbert Lottman, o episódio central da novela — uma mulher que se joga no Sena e um noctâmbulo que não a socorre — teria sido vivido pelo próprio Camus.

Na noite anterior à viagem, visita uma favela, programa em geral muito apreciado por franceses.

No dia 2 de agosto chega a São Paulo, e na noite seguinte será recebido com uma “feijoada antropofágica” por Osvald de Andrade, que o saudará em sua primeira conferência naquela cidade, no Instituto de Educação Caetano de Campos, sobre o tema “O Tempo dos Assassinos”.

“Sendo o mais vivo dos escritores, sois um amigo da morte. Sendo o mais claro dos filósofos, sois um técnico do absurdo. Não se trata pois de Flaubert interessando-se pelos cartagineses, mas do africano que se apoderou como um mestre do espírito ocidental”.

Em seu primeiro dia de São Paulo, Camus visita a penitenciária estadual, onde fala com Menegheti, o folclórico arrombador. Nos dias 5, 6 e 7 de agosto, visita as festividades religiosas de Iguape, cidade onde situará a ação de *A Pedra que Cresce*. Várias anotações e episódios registrados em seu diário de viagem serão retomados na novela.

No dia 7, o *Estado de São Paulo* publica um extenso artigo de Roland Corbisier, que cita Sartre, Hegel, Aristóteles e Politzer, mas nada diz de específico sobre a obra camusiana. Aliás, o paralelo com Sartre — que, afinal, pouco ou nada tem a ver com Camus — é constante ao longo de sua viagem, tendo o escritor de esquivar-se o tempo todo do clichê de existencialista. Na entrevista coletiva por ocasião de sua chegada à capital paulistana, ao ser interrogado sobre o existencialismo, sua resposta foi lacônica: “Data de Santo Agostinho”.

No dia 9, o escritor embarca para Porto Alegre. No avião, primeira crise de sufocação. Seu estado de espírito se reflete na apreciação da cidade: “A luz é linda. A cidade feia. Apesar de seus cinco rios. Tais ilhotas de civilização

são geralmente horrorosas”.

À noite, conferência. A saudação ao escritor é feita por Érico Veríssimo, em francês. O romancista gaúcho diz crer ter sido escolhido para tal por ter “as mãos sujas do sangue inocente de muitas línguas, pois, não contente de torturar a minha desde a época em que comecei a escrever romances, ainda assassinei a de Shakespeare durante dois anos, ao correr das diversas conferências que fiz nos Estados Unidos”.

Para concluir, Érico alude ao livro que até então mais reputação trouxera a Camus:

“Nós também temos consciência de viver instantes trágicos em uma cidade bloqueada por todos os lados, onde grassa a peste e onde os homens de responsabilidade fazem causa comum com ela. As forças das trevas e da ignorância estão em liberdade. Exatamente como vosso admirável Rieux, sabemos que cada um de nós traz consigo a peste, que deste mal ninguém está isento, e que nós devemos estar sempre vigilantes, a fim de que o sopro de nossa respiração no rosto de outrem não o contamine; e que o resto — saúde, integridade, pureza — é um produto da vontade humana, de uma vigilância que não deve fraquejar; e que, finalmente, como existem na terra pestilências e vítimas, de modo algum devemos prestar ajuda às pestilências”.

Segundo Lottman, nesta viagem à América Latina, Camus trazia vários textos que elegia ou combinava conforme as circunstâncias. Em Porto Alegre, o conferencista falou sobre “A Europa e o Crime” e, naquele 9 de agosto, no Instituto de Belas Artes, os gaúchos ali presentes tiveram oportunidade de ouvir talvez a sua mais violenta acusação feita ao velho continente e suas ideologias.

Nesta alocução, que durou duas horas, ele considerava que homens dispersos em diversos continentes se voltavam para a Europa e se interrogavam sobre seu futuro, convencidos de que a escravidão ou o desespero desta Europa provocaria a desaparecimento de valores indispensáveis a todo homem digno deste nome. O conferencista partilhava esta inquietude, mas se recusava a tentar qualquer profecia. Ele não pretendia senão estudar a enfermidade presente da Europa e determinar, se fosse possível, os remédios a aplicar. Seu afastamento do velho continente e suas esperanças no novo mundo são, certamente, os fatores que o levam a ser acusador como nunca. Segundo o escritor, a Europa vivia então em desgraça, pois lá muito se havia matado nos últimos anos, e de uma forma

nova: Caim assassinava Abel em nome da lógica e pedia imediatamente a Legião de Honra. Em vários países, os carrascos estavam instalados nas poltronas ministeriais e simplesmente haviam substituído o machado pelo tinteiro. A Europa estava enferma do crime e da abstração, o que para Camus constituía uma só enfermidade. Ele preconizava então uma revolta sem a qual o mundo seria dominado por povos infantis, que ririam sentados sobre suas máquinas, uma revolta como recusa de dominação e tentativa de diminuir a dor dos homens. Contou então uma anedota (no sentido europeu desta palavra) sobre um adolescente francês. Sob ameaça de morte de um policial alemão, o rapaz repetia que nenhuma idéia merecia que alguém morresse por ela, o que significaria, ao mesmo tempo, que de fato havia idéias pelas quais era possível consentir dar a vida. Tais idéias eram superiores à existência de um indivíduo porque necessárias ao homem: a liberdade, a justiça, a luta contra a inveja, contra a mentira e contra a violência. Camus concluía dizendo que, se por infelicidade o escritor fracassasse em sua generosa missão, seria melhor enganar-se sem matar ninguém do que ter razão em meio ao silêncio e às tumbas.

No dia seguinte, Camus passeia pela cidade, e às quatorze horas embarca para Montevidéu, de onde irá para Buenos Aires e Santiago. "Terrível tristeza e sensação de isolamento", anota ele em seu diário. Voltará ainda ao Rio, procedente do Chile, no dia 21 de agosto. Doente, deixará o Brasil no dia 31 de agosto. "A viagem se termina em um ataúde metálico entre um médico louco e um diplomata, rumo a Paris".

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Manoel

Andorinha, Andorinha, José Olímpio, Rio, 1966.

CAMUS, Albert

Théâtre, Récits, Nouvelles, Gallimard-Paris, 1962.

Essais. Gallimard. Paris. 1965.

Journaux de Voyage, Gallimard, Paris, 1978.

LOTTMAN, Herbert

Albert Camus, Seuil, Paris, 1978.

JORNAIS E REVISTAS:

Correio do Povo, Porto Alegre, edições de 09, 10 e 12 de agosto de 1949.

O Estado de São Paulo, São Paulo, edições de 04 e 08 de agosto de 1949.

Diário de Notícias, Porto Alegre, 10 de agosto de 1949.

Revista do Globo, Porto Alegre, nº. 488, 06 de agosto de 1949.